

Reunião Ministerial de Saúde do G20  
High-Level Meeting on Climate Change, Health and Equity  
Sala Plenária | 30 de outubro de 2024, 15:00

Bom dia, caros colegas,  
Senhoras e senhores,

Sejam muito bem-vindos ao nosso evento de alto nível sobre mudança climática, saúde e equidade. Para aqueles que participaram da reunião da manhã, sinto que nossas discussões de hoje são um desdobramento natural do que abordamos anteriormente. A abordagem Uma Só Saúde é uma ferramenta valiosa para enfrentar de maneira eficaz as crises de saúde interconectadas agravadas pelas mudanças climáticas, com ênfase em estratégias de adaptação que visam a mitigar os impactos nos sistemas de saúde em todo o mundo.

Mudança do clima e saúde foi uma das prioridades definidas por mim para os trabalhos a serem realizados durante a presidência brasileira do G20. Com base nos eventos climáticos extremos deste ano, minha percepção é de que esse assunto se faz ainda mais relevante. No Brasil, a enchente no Rio Grande do Sul, acompanhada por queimadas devastadoras na Amazônia e no Pantanal, destaca um aumento preocupante na frequência dos eventos climáticos extremos.

Nesse contexto em que os impactos das mudanças climáticas se intensificam, há um sério risco de perpetuar e aprofundar as desigualdades sociais e de saúde, tanto dentro dos países quanto entre eles. Estudos indicam que eventos climáticos extremos afetam cerca de 189 milhões de pessoas por ano, sendo que os países em desenvolvimento representam 79% das mortes registradas desde 1991.

Precisamos estar preparados para enfrentar essa crise de saúde de forma urgente e eficaz, promovendo um modelo de ação global e solidária que proteja todos, tendo a equidade como princípio norteador.

Por isso, o objetivo das discussões de hoje é buscar uma abordagem de equidade para abordar a interseção entre mudança climática e saúde das nossas populações. Queremos colocar a equidade

não apenas como uma narrativa, mas como um mecanismo implementável no centro da saúde global, buscando reduzir desigualdades e adaptar nossos sistemas de saúde à realidade que se impõe, com foco nos grupos mais vulneráveis.

Senhoras e Senhores,

As desigualdades globais nas emissões de CO2 mostram que, embora os países de baixa renda sejam os mais vulneráveis aos impactos climáticos, eles contribuem com apenas uma fração das emissões globais, emitindo menos de 1% do total. Em contrapartida, os países de alta renda são responsáveis por mais de 80% das emissões.

Os países desenvolvidos têm uma oportunidade valiosa de apoiar a transformação climática global, alinhando-se com a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima e o Acordo de Paris, incluindo com o princípio de responsabilidades comuns mas diferenciadas. Ao compartilhar tecnologias inovadoras e facilitar o acesso a financiamento, podem impulsionar ações de adaptação e mitigação nos países em desenvolvimento, incluindo no setor de saúde. Essa colaboração não apenas fortalece a resiliência frente a eventos adversos, mas também apoia a realização da cobertura universal de saúde e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Além disso, um ponto crucial para lidar com esse desafio é fortalecer nossas políticas que considerem os determinantes sociais da saúde, promovendo um trabalho inter e multissetorial efetivo.

Por isso, decidimos negociar uma declaração adicional à tradicional declaração ministerial de saúde do G20. Nossa intenção era avançar significativamente na agenda global de saúde, enfatizando a interseção entre clima e saúde. Além do foco na redução das desigualdades e no fortalecimento da resiliência dos sistemas de saúde, o texto reafirma a necessidade de desenvolver políticas públicas na pauta de saúde e clima que incluam a participação social, especialmente das mulheres e dos grupos mais vulnerabilizados, em todos os níveis dos processos de decisão.

O compromisso de proteger profissionais de saúde e pacientes contra os impactos das mudanças climáticas, presente na Declaração, também é essencial. A crise climática já afeta nossa força de trabalho e infraestrutura de saúde: nas Américas, 67% das unidades de saúde estão em áreas de

risco, e, na última década, 24 milhões de pessoas ficaram sem acesso a cuidados devido a danos estruturais.

Assim, é necessário investir em medidas de adaptação, prevenção e em evidências científicas sobre os impactos climáticos na saúde. Integrar dados de clima, saúde e infraestrutura nas políticas públicas fortalecerá a vigilância em saúde, bem como os sistemas de alerta precoce e a resposta a desastres.

Queremos construir um caminho para colocar a saúde como aspecto fundamental na discussão sobre mudança do clima rumo à COP30, em Belém. Nesse sentido, mencionamos a resolução pioneira da OMS, aprovada em maio durante a Assembleia Mundial da Saúde, sobre “Mudança do Clima e Saúde”.

A criação de convergências no G20 pode ser chave para avançar o no tratamento donexo entre mudança do clima e saúde nos foros multilaterais. Temos uma oportunidade para intensificar a cooperação entre governos, e o dever moral de aproveitá-la.

Muito obrigada!